



Comunidade Católica
Maria Mater Familiae

LAUDATO SI

SOBRE O CUIDADO COM A CASA COMUM

Resumo e notas de rodapé elaborados com a finalidade de facilitar a compreensão do texto da Encíclica e fornecer informações adicionais.

PAPA FRANCISCO
CARTA ENCÍCLICA *LAUDATO SI*
SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM

RESUMO COM COMENTÁRIOS

Apresentação

“Laudato si’, mi’ Signore – Louvado sejas, meu Senhor”. O Papa Francisco inicia a encíclica recordando este gracioso cântico de São Francisco de Assis para recordar-nos que a nossa casa comum pode ser comparada a uma irmã, ou uma mãe que nos acolhe nos braços.

Logo em seguida, ao criticar as opressões e devastações às quais nosso planeta está sendo submetido, ele cita a mesma passagem bíblica que foi trabalhada como lema da Campanha da Fraternidade promovida pela CNBB no ano de 2011: “A criação geme em dores de parto” (Rm 8,22).¹

Nada deste mundo nos é indiferente

Neste ponto são repassadas algumas ações de papas contemporâneos que externaram suas preocupações com a situação global.

O Santo Papa João XXIII, em pleno período conhecido como “guerra fria”, escreveu uma encíclica que transmitia uma proposta de paz: *Pacem in Terris*. Oito anos depois, em 1971, o Beato Papa Paulo VI criticou a atividade desordenada do ser humano, e alertou para o risco de uma catástrofe ecológica.

São João Paulo II, já na sua primeira encíclica², também tratou da temática ambiental, além de voltar ao tema em outras oportunidades, como em 1991 na encíclica

¹ Em 2011, a CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil trabalhou o tema “Fraternidade e a Vida no Planeta” na Campanha da Fraternidade. Em 2016 a temática socioambiental voltou a ser destacada, com o tema: “Casa comum, nossa responsabilidade”.

² Carta encíclica *Redemptor Hominis*.

Centesimus Annus, onde alertava que toda pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos estilos de vida.

O hoje Papa emérito Bento XVI, em discurso no ano de 2007, renovou o convite a eliminar as causas e corrigir os modelos econômicos de crescimento que são incapazes de garantir o respeito ao meio ambiente.

Unidos por uma preocupação comum

Neste ponto, o Papa Francisco destaca a importância das reflexões e preocupações de outras Igrejas Cristãs, e também de outras religiões, com a temática ambiental. O pontífice cita, como exemplo, algumas mensagens do Patriarca Ecumênico Bartolomeu, bispo da Igreja Ortodoxa.

São Francisco de Assis

São Francisco, admirado por cristãos e também por muitos que não são cristãos, é apresentado como exemplo de cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade.

A ecologia integral é aqui considerada como uma abertura que vai além da linguagem científica. Vai ao encontro da essência das criaturas e dos seres humanos.

Para São Francisco, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, São Francisco cantava e louvava a Deus.

“Partindo da grandeza e beleza das criaturas, pode-se chegar a ver, por analogia, o seu Criador” (Sb 13,5).

O meu apelo

É demonstrada a preocupação em unir toda a família humana na busca por um desenvolvimento sustentável³ e integral, com convite urgente a renovar o diálogo sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta Terra. O Papa reconhece que o movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, com notórias melhorias na conscientização, porém, frequentemente existe a recusa dos poderosos e o desinteresse de alguns pela busca de soluções para a crise ambiental.

³ O termo “Desenvolvimento sustentável” surgiu em 1987 e consiste em “um tipo de desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações” (Relatório Brundtland, 1987).

São criticados também o comodismo e o comportamento daqueles que acreditam que a tecnologia é sempre a solução para os problemas.

Este ponto é concluído com a demonstração de alguns aspectos que serão trabalhados em toda a encíclica, como por exemplo:

- A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta;
- A convicção de que tudo está estreitamente interligado;
- A crítica à cultura do descarte;
- A proposta de um novo estilo de vida.

Capítulo I

O que está acontecendo com a nossa casa

Apesar da intensificação dos ritmos de vida e de trabalho e da confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está entrando em uma etapa de maior conscientização. Há uma crescente sensibilidade em relação ao meio ambiente e ao cuidado com a natureza.

1. Poluição e mudanças climáticas

Poluição, resíduos e cultura do descarte

A exposição dos seres humanos aos poluentes do ar, como a fumaça dos automóveis e das indústrias, por exemplo, pode produzir doenças respiratórias e outros efeitos maléficos.

Nosso planeta parece transformar-se cada vez mais em um grande depósito de lixo. Resíduos domésticos e comerciais, resíduos tóxicos e radioativos, resíduos de clínicas e hospitais são produzidos em milhões de toneladas a cada ano.

O sistema industrial ainda não conseguiu desenvolver um modo de reutilizar com eficácia os detritos produzidos, ou seja, não conseguiu adotar um ciclo de produção. Já o funcionamento da natureza é exemplar: as plantas alimentam os animais herbívoros; estes alimentam os carnívoros e estes produzem resíduos orgânicos que irão alimentar os vegetais. Trata-se de um ciclo perfeito de produção.

O clima como bem comum

Numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global verificado nas últimas décadas ocorre devido à alta concentração de gases de efeito estufa emitidos, principalmente, por causa da atividade humana. Este aquecimento tem causado o derretimento das calotas polares e o aumento do nível do mar.

Um quarto da população mundial vive à beira do mar ou muito próximo dele, sendo as pessoas que vivem em situação de pobreza as mais afetadas pelos fenômenos relacionados ao aquecimento. Infelizmente, uma grande parcela daqueles que concentram o poder econômico ou político parece estar mascarando ou ocultando estas e outras realidades.

2. A questão da água

O problema da água é, em parte, uma questão educativa e cultural. Nos países considerados mais desenvolvidos e nos setores mais ricos da sociedade, o desperdício de água é constante. Já nos países menos desenvolvidos e nos setores sociais mais pobres, a escassez e a pouca qualidade da água são uma realidade.

Doenças como diarreia e cólera, por causa da baixa qualidade da água, são exemplos de fatores que causam altas taxas de mortalidade infantil. Já a escassez poderá causar problemas como o aumento no custo dos alimentos e de vários produtos que dependem do seu uso.

3. Perda de biodiversidade

A perda de florestas e matas implica na perda de espécies que poderiam ser, no futuro, recursos extremamente importantes não só para a alimentação, mas também para a cura de doenças e outros serviços.

Quando se analisa o impacto ambiental de qualquer atividade, costuma-se olhar principalmente para seus efeitos no solo, na água e no ar, mas o impacto sobre a biodiversidade deve ser sempre considerado.

A perda de algumas espécies ou de grupos animais ou vegetais é de grande relevância. Podemos citar pássaros e insetos que desapareceram por causa dos agrotóxicos criados pela tecnologia: eles seriam úteis para a própria agricultura, ajudando a espalhar o pólen das flores e combatendo pragas, por exemplo.

Muito desta biodiversidade está nos manguezais, nos oceanos, nos recifes de coral e nas florestas. Até existem propostas para, pelo menos, diminuir os impactos ambientais de grandes obras que possam vir a afetar esses ecossistemas, como a criação de corredores biológicos, mas são poucos os países que atentam para este tipo de cuidado e proteção.

Um ponto importante neste tópico é a citação do chamado “Documento de Aparecida”,⁴ que alerta para os interesses econômicos das corporações internacionais quando se fala em propostas de internacionalização da Amazônia.

4. Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social

A degradação ambiental, o modelo atual de desenvolvimento e a cultura do descarte produzem efeitos sobre a vida das pessoas. Este ponto alerta para alguns efeitos do crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades: seus habitantes estão vivendo cada vez mais encobertos de cimento, asfalto, vidro e metais. Estão sendo privados do contato físico com a natureza.

Há aqui o alerta para a facilidade de comunicação proporcionada pelos meios atuais. São compartilhados conhecimentos, afetos, imagens, mas às vezes não há o contato direto com a angústia, o tremor, a alegria do próximo.

5. Desigualdade planetária

Os efeitos mais graves das agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres e excluídas. É citado o exemplo do esgotamento da quantidade de peixes: são afetadas principalmente aquelas pessoas que vivem da pesca artesanal. Outro exemplo é o da poluição da água: os mais pobres geralmente não têm condições de comprar água mineral.

Aqui existe um alerta importante: em vez de resolver os problemas dos pobres e pensar em um mundo diferente, alguns se limitam a propor a redução da natalidade. Culpar o aumento na população, em vez do consumismo exagerado de alguns, é uma forma de mascarar e não enfrentar os problemas.

É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não pode haver espaço para a indiferença.

6. A fraqueza das reações

Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Há necessidade de construir lideranças que apontem caminhos, procurando dar resposta às necessidades das gerações atuais, sem prejudicar as gerações futuras.

Cresceu a sensibilidade ecológica das populações, mas ainda é insuficiente para mudar os hábitos nocivos de consumo, que parecem não estar diminuindo.

⁴ Documento gerado na V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, em 2007.

A submissão da política à tecnologia e à economia demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente. Existem muitos interesses particulares neste tipo de reunião.⁵

Outra causa de danos ao meio ambiente e à riqueza cultural dos povos é a guerra. Os riscos aumentam quando se pensa nas armas nucleares e armas biológicas.

Somos tentados a pensar que aquilo que está acontecendo não é verdade, ou agir como se nada estivesse acontecendo.

Mas existem ações positivas com resultados na melhoria do ambiente. O saneamento de rios anteriormente poluídos, a recuperação de florestas, alguns investimentos em transportes públicos e energias limpas são exemplos de ações que podem não resolver os problemas globais, mas confirmam que o ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva.

7. Diversidade de opiniões

Diante do que foi exposto até aqui, existem diferentes linhas de pensamento. Em um dos extremos estão os defensores do progresso: defendem a todo custo que os problemas ecológicos serão resolvidos com novas tecnologias, sem mudanças profundas e efetivas. No outro oposto, existem os que pensam em reduzir a presença humana no planeta.

A Igreja entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões. Mas convida a olhar a realidade com sinceridade e perceber que há uma grande deterioração da nossa casa comum.

Capítulo II

O evangelho da criação

Neste capítulo é defendida a posição de que ciência e religião podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas.

⁵ Aqui o Papa critica as cúpulas mundiais, como, por exemplo, a ECO 92 (realizada no Rio de Janeiro em 1992) e a COP 21 (realizada em Paris, em 2015).

1. A luz que a fé oferece

O Santo Padre deixa clara sua intenção de mostrar como as convicções da fé oferecem aos cristãos, e, em parte, também a outros crentes, as motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis.

2. A sabedoria das narrações bíblicas

A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, cada um de nós é querido, amado e necessário.

As narrações da criação no livro do Gênesis sugerem que a existência humana é baseada em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se e esta ruptura é o pecado. Por isso, é importante que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma cura daquela ruptura.

A narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (Gn 1, 28), foi interpretada por alguns como o favorecimento à exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia.

Os textos bíblicos devem ser lidos dentro de um contexto, com uma justa hermenêutica. Devemos lembrar que eles nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (Gn 2,15).

Ao Senhor pertence “a terra e tudo o que nela existe” (Dt 10,14). Por isso, Deus proíbe-nos de toda a pretensão de posse absoluta: “a terra é minha, e vós sois estrangeiros e meus agregados” (Lv 25,23). Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo.

Diante de tais fatos, está bem descrito no Catecismo da Igreja Católica (339) que “o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas”.

Já os Salmos convidam frequentemente o ser humano a louvar a Deus criador: “Firmou a terra sobre as águas: pois eterno é seu amor” (Sl 136/135,6). Os escritos dos profetas nos convidam, por exemplo, a recuperar forças nos momentos difíceis, contemplando a Deus poderoso que criou o universo: “É ele que dá ânimo ao cansado, recupera as forças do enfraquecido” (Is 40, 29).

O Papa Francisco conclui este ponto afirmando que a melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é

voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses.

3. O mistério do universo

O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação. O universo não apareceu como resultado de uma onipotência arbitrária, de uma demonstração de força ou de um desejo de autoafirmação.

Deus deseja atuar conosco e contar com nossa cooperação. A partir dos textos bíblicos, o ser humano é considerado sujeito, que nunca pode ser reduzido à categoria de objeto. Mas seria errado pensar que os outros seres vivos devam ser considerados como meros objetos submetidos ao domínio arbitrário do ser humano, pois, com efeito, o ser humano, que é dotado de Inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador.

4. A mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação.

São João Paulo II, em catequeses realizadas no ano 2000, dizia que contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, e citava como exemplos de manifestações divinas, o nascer do sol e o cair da noite.

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que nenhuma criatura basta a si mesma. Elas só existem na dependência umas das outras, para se completarem mutuamente no serviço umas das outras.⁶

Quando percebemos o reflexo de Deus em tudo o que existe, o coração experimenta o desejo de adorar o Senhor por todas as suas criaturas, como se percebe no cântico de São Francisco de Assis:

“Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão Sol,
que clareia o dia
e com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante
Com grande esplendor
De Ti, Altíssimo, é a imagem...”⁷

⁶ Catecismo da Igreja Católica, 340.

⁷ Trecho do “Cântico do irmão Sol” de São Francisco de Assis.

5. Uma comunhão universal

Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade. Neste sentido, não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos.

6. O destino comum dos bens

O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para administrá-la em benefício de todos. A palavra de Deus nos anuncia que o rico e o pobre têm igual dignidade, porque “a ambos, o Senhor é quem os fez” (Pr 22,2).

7. O olhar de Jesus

Jesus vivia em plena harmonia com a criação, despertando admiração nos outros: “Quem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (Mt, 8,27). Ele próprio vivia em contato permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de carinho e admiração.

Até mesmo as flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, passaram a estar cheias de sua presença luminosa.

Capítulo III

A raiz humana da crise ecológica

Este capítulo traz algumas reflexões aparentemente complexas sobre a relação entre o ser humano e o paradigma tecnocrático que domina o panorama atual.

1. A tecnologia: criatividade e poder

Já no início do seu pontificado, São João Paulo II discursava aos representantes da cultura e dos estudos superiores na Universidade das Nações Unidas, em Hiroshima, Japão,

em 1981: “A ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu”.

Não podemos deixar, portanto, de apreciar e agradecer os progressos alcançados especialmente na medicina, engenharia e comunicações. Não há como negar, por exemplo, a beleza de um avião ou de alguns arranha-céus.

A energia nuclear, a biotecnologia, a informática, e outras potencialidades que adquirimos nos dão um grande poder, ou melhor, dão àqueles que detêm o conhecimento e o poder econômico para desfrutá-lo, um domínio impressionante sobre o mundo inteiro. É muito arriscado que tanto poder resida em uma pequena parte da humanidade. Basta que nos lembremos das bombas atômicas lançadas durante a II Guerra Mundial.

2. A globalização do paradigma tecnocrático⁸

Na origem de muitas dificuldades do mundo atual, está principalmente a tendência, nem sempre consciente, de elaborar a metodologia e os objetivos da tecnociência segundo um paradigma de compreensão que condiciona a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade.

Hoje, o paradigma tecnocrático, ou seja, aquele pautado pela dependência do ser humano das transformações tecnológicas, tornou-se tão dominante que é muito difícil dispensar seus recursos. É mais difícil ainda utilizar seus recursos sem ser dominado pela sua lógica.

Este paradigma dominante tende a exercer seu domínio também sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano e o meio ambiente.

O Papa Francisco enfatiza que ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável diminuir a marcha para olhar a realidade de outra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um processo desenfreado de crescimento.

“A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático.”
(111)⁹.

⁸ De acordo com uma definição simplificada, “paradigmas” seriam padrões, modelos ou mapas que podemos usar para viver a vida.

⁹ Número 111 desta Carta Encíclica

3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências

A interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável. Embora tudo esteja interligado, dificilmente se conseguirá escutar os gritos da natureza, se não se consegue ouvir e reconhecer a importância de um pobre, de um embrião humano e de uma pessoa com deficiência, por exemplo.

Não podemos, portanto, iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais.

O relativismo prático

Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses, e tudo o mais se torna relativo. Esta lógica errônea acaba por levar a práticas como o abandono de idosos, ou o descarte de crianças porque não correspondem aos desejos de seus pais.

É a mesma lógica do “usa e joga fora” que produz tantos resíduos, apenas pelo desejo desordenado de consumir mais do que realmente se tem necessidade.

A necessidade de defender o trabalho

A espiritualidade cristã desenvolveu também uma rica e sadia compreensão do trabalho, como podemos encontrar, por exemplo, na vida do Beato Charles de Foucauld e seus discípulos¹⁰, e de São Bento de Núrsia. Este último quis que seus monges vivessem em comunidade, unindo oração com o trabalho manual.

O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho.

O Papa aqui faz uma crítica às economias agrícolas de larga escala: elas acabam por forçar os pequenos agricultores a vender suas terras ou abandonar suas culturas tradicionais, devido à dificuldade em competir com os grandes. Ele defende que a atividade empresarial deve promover a região onde instala seus empreendimentos, gerando empregos e melhorando o mundo para todos.

¹⁰ O Beato Charles de Foucauld (1858 – 1916) é um dos baluartes da Comunidade Católica *Maria Mater Familiae*. (Fonte: mariamater.com.br)

A inovação biológica a partir da pesquisa

Aqui é apresentada a posição de São João Paulo II, que afirmava que a Igreja aprecia a contribuição do estudo e da aplicação da biologia molecular e da genética, e da sua aplicação na agricultura e na indústria, mas isto não deveria levar a uma indiscriminada manipulação genética que ignore os efeitos negativos destas intervenções.

É criticada a tendência ao desenvolvimento de oligopólios na produção de sementes e outros produtos necessários para o cultivo: quando se produzem sementes estéreis, por exemplo, estas não geram novas sementes. Isto obriga os agricultores a comprá-las das empresas produtoras para poder plantar novamente.

Capítulo IV

Uma Ecologia Integral

É proposta uma reflexão sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, com a clara inclusão das dimensões humanas e sociais.

1. Ecologia ambiental, econômica e social

Em resumo, a ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. Assim como cada organismo é bom e admirável em si mesmo pelo fato de ser uma criatura de Deus, o mesmo se pode dizer do conjunto harmônico de organismos num determinado espaço, funcionando como um sistema.

Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Estamos incluídos nela, somos parte dela.

Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana. Tudo o que danifica as instituições, provoca efeitos nocivos, como a perda da liberdade, a injustiça e a violência.

2. Ecologia cultural

Além do patrimônio natural, encontra-se também ameaçado um patrimônio histórico, artístico e cultural. Para salvaguardar a identidade original de um lugar, é preciso integrar a história, a cultura, a arquitetura.

A ecologia envolve também o cuidado com as riquezas culturais da humanidade. Pede que se preste atenção às culturas locais, com a promoção do diálogo da linguagem técnico-científica com a linguagem popular, pois o desaparecimento de uma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal. A imposição de um estilo hegemônico de vida¹¹ ligado a um modo de produção pode ser tão nociva como a alteração dos ecossistemas.

3. Ecologia da vida cotidiana

É preciso cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas, as quais melhoram o nosso sentimento de “estar em casa”. Quando o ambiente está desordenado, caótico ou cheio de poluição visual e acústica, o excesso de estímulos põe à prova as nossas tentativas de desenvolver uma identidade integrada e feliz. Por estas e outras razões, é importante preservar alguns espaços onde se evitem intervenções humanas que os alterem constantemente.

A chamada qualidade de vida, principalmente nas grandes cidades, está largamente relacionada com os transportes, pois muitas vezes são causa de grandes tribulações para os habitantes. O trânsito, a poluição e as perdas de tempo são algumas das características do caos que se instala nos grandes centros urbanos.

Francisco conclui este ponto lembrando que é preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. Lembra também que uma ideologia que prega o domínio sobre o próprio corpo, pode transformar-se em uma lógica de domínio sobre a criação. Por fim, cita parte de sua catequese do dia 15 de abril de 2015: “Não é salutar um comportamento que pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela”.

4. O princípio do bem comum

Na sociedade mundial atual, repleta de desigualdades, com um crescente número de pessoas descartadas e privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres, sendo esta a posição defendida em toda a carta encíclica *Laudato si*.

¹¹ Um exemplo desta imposição seria a substituição dos alimentos tradicionais de uma localidade, como a “ginga com tapioca” de Natal/RN, ou o “baião de dois” de Fortaleza/CE, pelos alimentos industrializados, como os hambúrgueres e batatas fritas.

5. A justiça intergeracional

A noção de bem comum engloba também as gerações futuras. Uma ecologia integral possui esta perspectiva ampla, como um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte.

Se nada for feito e o pensamento individualista, baseado na satisfação imediata e na dificuldade de reconhecer o outro não mudarem, poderemos deixar às próximas gerações apenas ruínas, desertos e lixo. Devemos pensar na responsabilidade que nos atribuirão aqueles que irão suportar as consequências dos nossos atos.

Capítulo V

Algumas linhas de orientação e ação

1. O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional

Desde meados do século passado e superando muitas dificuldades, foi sendo consolidada a tendência de conceber o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum. A interdependência obriga-nos a pensar em um único mundo, em um projeto comum.

Para enfrentar os problemas de fundo, que não se podem resolver com ações de países isolados, torna-se indispensável um consenso mundial que leve à reprogramação de algumas ações. A promoção da agricultura sustentável, a substituição progressiva das tecnologias baseadas no uso de combustíveis fósseis - principalmente o carvão e o petróleo - além da garantia do acesso de todos à água potável, são aspectos que podem fazer com que a humanidade do início do século XXI possa ser lembrada como aquela que assumiu com generosidade as suas responsabilidades socioambientais.¹²

Apesar dos progressos alcançados na conscientização de uma parcela da população, as grandes reuniões, ou cúpulas mundiais sobre o meio ambiente não alcançaram acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes. Por exemplo, foram criadas estratégias para diminuir a emissão de gases poluentes que acabam por impor aos países de menores recursos, pesados compromissos de redução de emissões, o que gera a seguinte pergunta: os países que foram beneficiados por um alto grau de industrialização, às custas de uma enorme emissão de gases com efeito estufa, não deveriam ter maior responsabilidade em contribuir para a solução dos problemas que causaram?

¹² Neste sentido, pode-se dizer que a humanidade do período pós-industrial talvez fique recordada como uma das mais irresponsáveis da história. (165)

Neste sentido, o Papa reconhece que para os países pobres, as prioridades deveriam ser a erradicação da miséria e o desenvolvimento social dos seus habitantes.

2. O diálogo para novas políticas nacionais e locais

O drama de uma política focalizada nos resultados imediatos, apoiada também por populações consumistas, acaba tornando necessária a produção em curto prazo. A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum em longo prazo.

É possível e necessário gerar uma maior responsabilidade, um forte sentido de comunidade, um amor apaixonado pela própria terra, tal como se pensa naquilo que se deixa aos filhos e netos. Neste contexto, a sociedade deve forçar os governos a desenvolver ações mais rigorosas de promoção socioambiental, combate à corrupção e normatizações mais rigorosas e eficazes.

É possível favorecer a melhoria agrícola de regiões pobres, através de investimentos em infraestruturas rurais, na organização do mercado local, em sistemas de irrigação, no desenvolvimento de técnicas agrícolas sustentáveis. Devem ser defendidos os interesses dos pequenos produtores e salvaguardados os ecossistemas locais.

3. Diálogo e transparência nos processos decisórios

A corrupção, que esconde o verdadeiro impacto ambiental de um projeto em troca de favores, frequentemente leva a acordos duvidosos que fogem ao dever de informar a população, e a um debate profundo.

A cultura consumista, que dá prioridade ao curto prazo e aos interesses privados, pode favorecer análises demasiado rápidas ou consentir a ocultação de informações. Em qualquer discussão sobre um empreendimento, dever-se-ia pôr uma série de perguntas, para discernir se o mesmo levará a um desenvolvimento verdadeiramente integral: Para que fim? De que maneira? A quem ajuda? Quais são os riscos? A que preço?

4. Política e economia em diálogo para a plenitude humana

A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia.

A proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente. Podemos esperar que aqueles que estão obcecados com a maximização dos lucros se detenham a considerar os efeitos ambientais que serão deixados às próximas gerações? Dentro do esquema do ganho, há lugar para pensar nos ritmos da natureza?

O princípio da maximização do lucro é uma distorção conceitual da economia: desde que aumente a produção, pouco interessa que isto se consiga à custa dos recursos futuros ou da saúde do meio ambiente.

Os esforços para um uso sustentável dos recursos naturais não são gasto inútil, mas um investimento que poderá proporcionar outros benefícios econômicos já a médio prazo, e neste sentido, para que apareçam novos modelos de progresso, precisamos converter o modelo de desenvolvimento global, e isto significa refletir responsabilmente sobre o sentido da economia e dos seus objetivos.

5. As religiões no diálogo com as ciências

Não se pode sustentar que as ciências empíricas expliquem completamente a vida, a essência íntima de todas as criaturas e o conjunto da realidade. Isto seria ultrapassar indevidamente os seus confins metodológicos limitados.

“A fé desperta o sentido crítico, enquanto impede a pesquisa de se deter, satisfeita, nas suas fórmulas e ajuda-a a compreender que a natureza sempre as ultrapassa. Convidando a maravilhar-se diante do mistério da criação, a fé alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência”¹³

É indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber. Isto impede de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente.

Capítulo VI

Educação e espiritualidade ecológicas

Aqui são tecidas considerações sobre o surgimento de um grande desafio cultural, espiritual e educativo, que implicará longos processos de regeneração.

¹³ Cf. Francisco, Carta encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013)

1. Apontar para outro estilo de vida

O mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos. As pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos. O consumo é reflexo do já citado paradigma tecnoeconômico, que faz as pessoas crerem que são livres, pois conservam uma suposta liberdade de consumir, quando na realidade apenas liberdade uma minoria que detém o poder econômico e financeiro.

Neste contexto, Francisco nos alerta que quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir.

2. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente

Não é fácil renunciar àquilo que o mercado nos oferece. Alguns jovens, por exemplo, têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso e até lutam em defesa do meio ambiente, mas cresceram em um contexto de altíssimo consumo e bem-estar que torna difícil a maturação de outros hábitos. Estamos diante, portanto de um desafio educativo.

A educação ambiental tem ampliado os seus objetivos. No começo estava mais centrada na informação científica e na conscientização e prevenção dos riscos ambientais, mas agora tende a incluir uma crítica aos “mitos” da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras).

Esta educação tem que passar a maturar hábitos. Deve haver o incentivo a vários comportamentos que têm incidência direta no cuidado com o meio ambiente, tais como:

- Evitar o uso de plástico e papel
- Reduzir o consumo de água
- Separar o lixo
- Preparar apenas a comida que se poderá comer
- Tratar com estima e carinho os outros seres vivos
- Utilizar os transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com outras pessoas
- Plantar árvores
- Economizar energia elétrica, etc.

Vários são os âmbitos de exercício e aplicação destes e outros comportamentos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese. A família merece especial

destaque, pois nela cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema e a proteção de todas as criaturas, para citar apenas alguns.

3. A conversão ecológica

A crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. É necessário que as pessoas deixem emergir nas suas relações com o mundo, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus.

Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação, como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro, embora a conversão ecológica que se requer para criar um dinamismo de mudança eficaz e duradoura exija também uma conversão comunitária.

Para ajudar a enriquecer o sentido de tal conversão, podemos lembrar algumas convicções da nossa fé desenvolvidas no início desta encíclica, como, por exemplo, a consciência de que cada criatura reflete algo de Deus, ou que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar.

4. Alegria e paz

A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. A acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento.

“Quanto menos, tanto mais”. Mas não se trata de menos vida, nem de vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento, são aquelas que deixam de petiscar aqui e ali, sempre à procura do que não têm.

É possível necessitar de pouco e viver com muito, sobretudo, quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração.

Atitudes como estas nos foram ensinadas por Jesus, quando nos convidou a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença de um homem inquieto, “fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10,21). Sempre nos foi mostrado um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados.

5. Amor civil e político

Vivemos já muito tempo na degradação moral, descartando a ética, a bondade, a fé, a honestidade. A destruição de valores acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento de uma verdadeira cultura do cuidado com o meio ambiente.

É citado o exemplo de Santa Teresa de Lisieux¹⁴, que praticava o pequeno caminho do amor e não perdia as oportunidades de proferir palavras gentis, sorrir, ou fazer qualquer pequeno gesto que semeasse paz e amizade.

Neste sentido, o Papa Paulo VI, em sua Mensagem para o dia Mundial da Paz, em 1977, propunha ao mundo o ideal de uma “civilização do amor”, pois a Igreja acredita que o amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são formas eminentes de caridade, que tocam não só as relações entre os indivíduos, mas também as macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos e socioambientais.

6. Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo

O universo desenvolve-se em Deus, que o preenche completamente. E, portanto, há um mistério a contemplar em uma folha, em uma vereda, no orvalho, no rosto do pobre. São João da Cruz¹⁵ ensinava que tudo o que há de bom nas coisas e experiências do mundo encontra-se eminentemente em Deus de maneira infinita, ou melhor, Ele é cada uma destas grandezas.

O Papa Francisco nos ensina que os sacramentos constituem um modo privilegiado no qual a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural:

“A água, o azeite, o fogo e as cores são assumidos com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor. A água derramada sobre o corpo da criança batizada é sinal de vida nova, e a mão que abençoa é instrumento do amor de Deus e reflexo da proximidade de Cristo” (235)

Em seguida, discorre sobre a eucaristia neste contexto:

“A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa, quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. Por isso, é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a sermos guardiões da criação inteira” (236)

¹⁴ Santa Teresinha, também conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus (1873 – 1897) é um dos baluartes da Comunidade Católica *Maria Mater Familiae*. (Fonte: mariamater.com.br)

¹⁵ O espanhol São João da Cruz (1542 – 1591) é um dos baluartes da Comunidade Católica *Maria Mater Familiae*. (Fonte: mariamater.com.br)

7. A Trindade e a relação entre as criaturas

O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que O reflete e por Quem tudo foi criado, uniu-Se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos.

Francisco nos recorda que o mundo foi criado pelas três Pessoas como único princípio divino, mas cada uma delas realiza esta obra comum, segundo a própria identidade pessoal, e conclui este ponto lembrando que tudo está interligado, e tal fato nos convida a maturar uma espiritualidade de solidariedade global que brota do mistério da Trindade.

8. A Rainha de toda a criação


Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio.

É também destacada a figura de São José. Com seu trabalho e presença generosa, cuidou e defendeu Maria e Jesus e livrou-os da violência dos injustos, levando-os para o Egito. Também ele pode nos ensinar a cuidar e trabalhar com generosidade e ternura para proteger este mundo que Deus nos confiou.

9. Para além do sol

No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus, e na expectativa da vida eterna, estejamos unidos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada.

Deus nos dá as forças e a luz para prosseguir, pois Ele não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!



Este resumo foi elaborado com a manutenção cuidadosa da fidelidade à Carta Encíclica *Laudato Si*. Sua citação é permitida, desde que citada a fonte.

Flávio Hildemberg da Silva Gameleira (fhildemberg@hotmail.com)

Gestor Ambiental; Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA- UFRN)

Comunidade Católica *Maria Mater Familiae* – Setor de Comunicação (mariamaternatal@outlook.com)

